

ANAMNESIS: I - PECTUS CARINATUM

Sandro Bottene

Resumo: O que seria dor se não a experiência subjetiva e a percepção mais íntima do corpo vivo? Partindo de tal questionamento filosófico, este ensaio visual apresenta o tríptico *Anamnesis: Pectus carinatum*, que compõe a série *Anamnese* (2022) e que investiga meu corpo/minhas dores e as relações com a minha subjetividade. O subtítulo faz referência à protrusão deformada da parede anterior do tórax e, de forma poética, a dor física/estética encontra-se representada pela Identidade Poética *Garoto-cacto*. O texto de apresentação e a obra, através das três fotografias dispostas em pranchetas, se constituem, por sua vez, sob a perspectiva de um prontuário clínico.

Palavras-chave: Arte Contemporânea. Corpo. Dor. Subjetividade.

ANAMNESIS: I - PECTUS CARINATUM

Abstract: What would pain be if not the subjective experience and the most intimate perception of the living body? Starting from such philosophical questioning, this visual essay presents the triptych “Anamnesis: Pectus carinatum”, that makes up the series *Anamnesis* (2022) and investigates my body/my pains and the relationships with my subjectivity. The subtitle refers to the deformed protrusion of the anterior chest wall and, poetically, the physical/aesthetic pain is represented by the Poetic Identity *Garoto-Cacto*. The presentation text and the work, through the three photographs arranged on clipboards, are constituted, in turn, from the perspective of a clinical record.

Keywords: Contemporary Art. Body. Pain. Subjectivity.



Prontuário n.º: 056675

Data: 02/02/2022

Identidade Poética: *Garoto-cacto*

HISTÓRICO

Paciente do sexo masculino que respeita o gênero não-binário assim como tem o conhecimento de que todos os gêneros de cactos são plantas monóclinas¹. Tem 41 anos, 5 meses e 12 dias de idade (demonstra comportamento de um jovem tardio). Apresenta biotipo corporal Ectomorfo², pesando geralmente 60 kg. Com estatura alta, assemelhando-se a cactos colunares, mede 1,81 m. Tipo sanguíneo O+, PA³ (Pressão Arterial) 130x70 mmHg e Taxa Glicêmica⁴ de 139 mg/dL. A cor dos olhos é castanho e possui Astigmatismo (apesar do defeito óptico no globo ocular, tem 85% da visão). Os cabelos também são castanhos (tonalizados com *Biocolor Homem* a cada 30 dias). A pele é de cor clara e os seus espinhos⁵ são artificializados com pigmento vermelho. Espécime nacional, originário de Frederico Westphalen, estado do Rio Grande do Sul, tem suas raízes em Seberi.

O QUE TROUXE VOCÊ AQUI HOJE?

Sinto uma falta de ar, um aperto no coração, um frio na barriga e náuseas emergidas do estômago que vem sendo pressionado por uma massa que se encontra situada no fígado (a confirmação veio à tona em 31/10/2017 com um exame de ressonância magnética). É como se fosse brotar algo de dentro para fora, dilacerando minha pele e se externalizando no corpo. Essa sensação parece vir do peito, região fisiológica onde estão abrigados boa parte dos órgãos



vitais de qualquer indivíduo. No entanto, não posso enxergar com os meus olhos qualquer um desses órgãos, mas consigo senti-los, quase tocá-los. Da mesma forma que essa sensação tão invisível, mas tão presente, que marca o meu corpo e me faz sofrer. Diz Schopenhauer (2014) que querer é essencialmente sofrer e já que o viver no ser humano é querer, então toda a existência é essencialmente dor. Será que a dor que sinto seria a busca do meu viver? Ora, não estou aqui para falar sobre *As Dores do Mundo*, mas da minha dor no mundo, que marca o meu corpo. Diz o filósofo alemão, que sentimos apenas dor e nunca a não-dor, isto é, a sua ausência. Portanto, é elementar que a sensação brutal que se agita em meu interior deve ser dor. Do contrário, nada estaria sentindo. Ela é equivalente à ressonância magnética que interage com o corpo por meio de campos magnéticos a fim de gerar uma imagem.

QUANDO ESSE INCÔMODO COMEÇOU?

Por vezes, acredito que desde quando nasci ou até mesmo antes disso, quando ainda estava sendo gestado no ventre da Mãe-Terra. Mas percebi que o seu estopim coincidiu com a Pandemia da Covid-19, que se disseminou no início do ano de 2020. Com a nova realidade imposta, a dor pandêmica, uma dor crônica, atingiu a todos, desde o acometimento da doença no aspecto fisiológico, da necessidade do isolamento no aspecto social e do luto pela perda no aspecto emocional. Eu sei que a dor possui um vínculo indissociável ao corpo, assim como o ar e os pulmões, o sangue e o coração. Mas a dor tem uma dimensão social e para Han (2021), vivemos em uma sociedade atormentada por uma crescente solidão. A pandemia nos colocou com força diante dessa dor. Foi assim que me percebi solitário e a experimentar tal sensação de



solidão. Toda experiência intensa é dolorosa e ela faz parte da vida humana. Han (2021), filósofo sul-coreano, diz que a dor é verdade; que dor é vínculo; que dor é distinção; e que dor é realidade. A complexidade da dor leva em conta a complexidade do corpo. Os órgãos corporais são os primeiros a fazer tal distinção pelo seu próprio dialeto de dor e que articulam a vida do corpo com o mundo. Meu corpo, minha dor, minha subjetividade.

QUAL A LOCALIZAÇÃO DESSA DOR?

Fecho os meus olhos e com os meus ouvidos atentos que se conectam à mente, um sonar subjetivo, mergulho em mim mesmo e procuro detectar as ondas desse sofrer da mesma forma que um dispositivo aquático tenta localizar objetos nas profundezas do oceano. Entendo que essa dor, ou melhor, que minhas dores podem ser regidas como o princípio *holográfico*⁶ exposto por Morin (2003) que, baseado em Blaise Pascal⁷, diz que não apenas a parte está no todo, como o todo está inscrito na parte. Assim, ele diz que cada célula é uma parte de um todo, a totalidade do patrimônio genético está presente em cada célula individual e a sociedade está presente em cada indivíduo. As marcas da dor estão no corpo e o meu corpo contém minhas dores e que, por sua vez, meu corpo e o seu sofrer se inserem neste mundo.

COMO VOCÊ REPRESENTARIA ESSA DOR?

Para Danto (2003), que inverteu a máxima de Ludwig Wittgenstein⁸, a alma humana poderia ser a melhor representação do corpo humano. Logo, a representação da dor no meu corpo toma a forma do espinho, estrutura que predomina a figura do



cacto, elemento visual da minha identidade poética. Para a alma temos o corpo, para a dor o espinho. No meu corpo, os agulhões⁹ perfuram a imagem-pele que me representa. Esses espinhos-dor em meu corpo se propagam na forma radial, se assemelhando com ondas dolorosas. Ao perfurar minha imagem-pele, eles não têm a cor pálida do meu corpo que dificilmente se expõe ao sol, mas a cor vermelha, uma paleta que varia do magenta ao vinho. Da mesma cor do sangue que corre em minhas artérias e veias e que é bombeado pelo coração. No entanto, dessa lesão, nenhuma lágrima ou gota de seiva vital se deixa escorrer do corpo. A dor (trans) brota silenciosamente na cena. Matesco (2009) diz que o corpo é constantemente remodelado e distorcido por diversas emoções e pelos sofrimentos do indivíduo. O corpo que conhecemos quando sentimos dor — aprende-se dor pela experiência subjetiva e pelo aspecto interior do corpo — é descoberto por Picasso¹⁰ como um novo campo de representação do ser humano; não se trata mais de um corpo visto, mas sentido. Meu corpo estaria esfacelado pela dor assim como as figuras destroçadas pelo artista cubista? A fotografia do meu corpo no lugar do tecido orgânico, denominado imagem-pele, permite que os espinhos sejam extravasados e uma proeminência da dor real se presentifique no objeto. Seria a representação poética de uma dor-tempo congelada pelo instante criado na imagem fotográfica?

DIAGNÓSTICO PRELIMINAR

Indivíduo do gênero poético ou espécime marcado pela dor. A dor que o faz sofrer também alimenta a sua vida por meio de uma identidade poética que emana tal sensação dolorosa evitada por muitos na contemporaneidade. Aqui cabe ressaltar



sobre a potencialidade da introversão de que a artista Lygia Clark (1920-1988) argumentava, ou seja, segundo Clark (2009), a partir das percepções tentar vivê-las e com o processo, elaborar-se. Me parece que o *Garoto-cacto* procura, justamente, um meio de viver com suas dores ressignificando-as. Da experiência sensitiva e subjetiva com que luta ferozmente para escapar, percebe-se uma consciência de que a sensação invisível é o seu elo mais íntimo. É a idade que o representa, de garoto ou jovem tardio, se distancia da idade real que se equivale à quantidade de espinhos que compõem uma aréola.

Notas

¹ Plantas que reúnem os dois sexos na mesma flor (androceu e gineceu).

² Quem tem características corporais que se enquadram na ectomorfia ou numa estrutura física tendencialmente caracterizada pela magreza.

⁴ Valores de referência de Pressão Arterial normal: 120x80 mmHg. Aferição realizada em farmácia no dia 2 fev. 2022.

³ Valores de referência de Glicemia de jejum normal: inferior a 99 mg/dL. Teste rápido realizado em farmácia no dia 2 fev. 2022.

⁵ Aréolas com agulhões retirados da espécie *Cylindropuntia tunicata*, cacto originário do México e Texas.

⁶ Inspirado no holograma, em que cada ponto contém a quase totalidade da informação do objeto que ele representa.

⁷ Blaise Pascal (1623-1662), filósofo francês, contribuiu no campo da filosofia da matemática.



⁸ Ludwig Wittgenstein (1889-1951), filósofo austríaco, naturalizado britânico, contribuiu no campo da filosofia da linguagem, da matemática e da mente.

⁹ Esses agulhões, o mesmo que espinhos, são pontiagudos e longos, medindo entre 3-6 cm. Eles partem de um mesmo eixo central formando uma aréola composta por 35-45 espinhos.

¹⁰ Pablo Picasso (1881-1973) tornou-se um dos grandes pintores do século XX, sendo um dos artistas responsáveis pela fundação do Cubismo.

Referências

CLARK, Lygia. Da supressão do objeto (anotações). In: FERREIRA, Glória; COTRIM, Cecília (Orgs.). *Escritos de artistas: anos 60/70*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009. p. 350-356.

DANTO, Arthur. *El cuerpo/El problema del cuerpo*. Madri: Síntesis, 2003, 304 p.

HAN, Byung-Chul. *A sociedade paliativa: a dor de hoje*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021. 115 p.

HAN, Byung-Chul. O valor dos arrepios. A dor nos torna humanos. Entrevista com Byung-Chul Han. [Entrevista cedida a] La Lettura. Tradução: Luisa Rabolini. *Instituto Humanitas Unisinos*. 22 fev. 2021. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/606930-o-valor-dos-arrepios-a-dor-nos-torna-humanos-entrevista-com-byung-chul-han>. Acesso em: 5 out. 2022.

MATESCO, Viviane. *Corpo, imagem e representação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009. 62 p. (Coleção Arte +)



MORIN, Edgar. *A cabeça bem feita*: repensar a reforma, reformar o pensamento. 8 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. 128 p.

SCHOPENHAUER, Arthur. *As dores do mundo*: o amor – a morte – a arte – a moral – a religião – a política – o homem e a sociedade. São Paulo: Edipro, 2014. 127 p.













Sandro Bottene é artista visual, cacticultor e pesquisador. Atualmente, é integrante do Laboratório de Arte e Subjetividades (LASUB), CNPq/UFSM, e investiga a Identidade Poética *Garoto-cacto* e as relações entre Dor, Corpo e Identidade. É doutorando em Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Santa Maria, com ênfase em Poéticas Visuais, Linha de Pesquisa Arte e Transversalidade, Bolsista CAPES. Mestre em Artes Visuais/UFSM (2015), com ênfase em Poéticas Visuais, Linha de Pesquisa Arte e Visualidade. Especialista em Artes Visuais: Cultura e Criação/SENAC-RS (2011). Bacharel em Artes Visuais/UNIJUÍ (2012). Licenciado em Artes Visuais/UNIJUÍ (2009).